***Template* e Instruções para o TCC do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu***

**Nome Completo do Aluno**

[email@provedor.do.aluno](mailto:email@provedor.do.aluno)

**Nome Completo do Orientador, Titulação (MSc e/ou PhD)**

[email@provedor.do.orientador](mailto:email@provedor.do.orientador)

Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em (Nome do Curso) da (Sigla) - Nome da Universidade

# Resumo

Este artigo objetiva informar aos alunos deste curso como deve ser elaborado e apresentado o artigo científico que compõe seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Suas seções elucidam as formas de apresentação do trabalho e como deve ser escrita cada uma delas. Está formatado conforme o modelo a ser seguido. Use-o como *template*. O resumo, redigido em língua portuguesa pelo próprio autor, deve trazer a síntese dos pontos relevantes do trabalho: tema, objeto da pesquisa, objetivos, metodologia e técnicas utilizadas, resultados alcançados e conclusões, mas de forma contextualizada. Deve ter no mínimo 150 e no máximo 200 palavras, e deve constar de um só parágrafo. O aluno deve usar recursos do editor para fazer a contagem. As pessoas leem o resumo para decidir se lerão ou não o restante do artigo, assim, é importante que sejam resumidos de maneira precisa e atrativa os tópicos principais do artigo. Deve-se escrever de forma bastante objetiva para evitar má interpretação da mensagem principal do artigo. No resumo não devem ser incluídas referências bibliográficas, citações diretas ou indiretas, figuras ou equações. O tempo verbal deve ser presente e não futuro.

**Palavras-chave:** artigo científico, normas ABNT, trabalho de conclusão de curso (deve-se escolher palavras-chave abrangentes, mas que identifiquem o tema de que trata o artigo).

# Introdução

A introdução deve apresentar uma descrição geral do conteúdo do artigo científico sem entrar em muitos detalhes. Nesta parte do trabalho, apenas poucos parágrafos são o suficiente para sua apresentação. Recomenda-se uma página apenas, isto é, em torno de 10% do texto total. A introdução deve descrever brevemente a importância da área de estudo e do tema em foco e mostrar a relevância da publicação do artigo. Deve explicar como o trabalho pode contribuir para ampliar o conhecimento na área e se ele apresenta novos métodos para resolver ou abordar um problema. A introdução deve ser finalizada com a apresentação explícita dos objetivos do trabalho. Deve-se evitar o uso de referências diretas e indiretas na introdução.

O aluno deve elaborar o seu TCC na forma de um artigo acadêmico-científico cujo formato está especificado neste documento. É importante que o aluno saiba que o artigo é aprovado somente pelo professor orientador. Uma vez aprovado pelo orientador, é que o aluno pode confirmar sua participação na defesa, na data informada pela equipe de TCC da universidade. Recomenda-se que o aluno leia o documento *2-Regras e Orientações para a defesa do TCC e para a disciplina Metodologia da Pesquisa Científica\_EaD* disponibilizado pelo orientador na plataforma AVA, na guia Material de Estudos da disciplina Metodologia da Pesquisa Científica.

Um artigo científico, ou acadêmico-científico, deve relatar informações e resultados de uma pesquisa de maneira clara e concisa. Seu principal objetivo é ser publicado em revistas, jornais ou periódicos científicos. De uma maneira geral, um artigo científico é um relato analítico de informações atualizadas sobre um tema de interesse para determinada especificidade. É o resultado de um estudo desenvolvido através de uma pesquisa, podendo ser resultado de um trabalho de conclusão de um curso de extensão, graduação ou pós-graduação ou de um projeto de pesquisa.

Ao escrever um artigo é importante utilizar uma linguagem formal, clara, correta, concisa e objetiva. Deve-se fazer uso da 3ª pessoa do singular ou verbo na voz passiva. Devem ser evitados adjetivos exagerados, superlativos, subterfúgios e repetições desnecessárias. É fundamental o uso correto da ortografia, pontuação, concordância e sintaxe da língua portuguesa, sendo recomendável que o aluno submeta o artigo a uma revisão rigorosa antes de apresentá-lo ao orientador ao longo do trabalho de orientação. Deve ser igualmente rigoroso o respeito ao *template* e às regras aqui apresentadas.

Um artigo é composto das seguintes partes: itens preliminares, itens de discurso e itens complementares. Os itens preliminares abrangem o título, o nome dos autores e sua afiliação, o resumo, com as palavras-chave e o *abstract* com as *keywords*. O *abstract* e as *keywords* só devem ser elaboradas quando solicitadas pelo orientador, tendo em vista a possibilidade de publicação do artigo em periódicos nacionais ou estrangeiros. Os itens de discurso incluem introdução, fundamentação teórica, desenvolvimento e conclusões. Estes são, na essência, o verdadeiro conteúdo do trabalho. São nesses itens que serão concentrados os esforços do autor em fornecer aos leitores condições de compreensão e entendimento, discussão e análise, síntese e demonstração do conhecimento associado ao seu trabalho. Os itens complementares podem incluir anexos e apêndices, ambos opcionais, no entanto devem ser evitados por tornar o texto do artigo muito longo e mais difícil de ser publicado. As Referências Bibliográficas são um item complementar obrigatório e devem ser elaboradas estritamente dentro normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e as orientações do curso. Neste TCC não devem ser redigidos os agradecimentos, que podem ser elaborados, a pedido do orientador, em caso de publicação.

O objetivo deste artigo é esclarecer o aluno quanto às regras para a escrita do artigo científico, com conteúdo e qualidade compatível com o curso de pós-graduação. Ao longo do artigo cada seção é identificada e são apresentadas orientações relativas ao seu teor, tamanho e formatação, com base nas normas da ABNT. Importante ressaltar que o artigo a ser escrito pelo aluno deve ter obrigatoriamente as partes aqui descritas.

1. **Cenário do ataque**

**2.1 A evolução do Malware**

Os crimes virtuais não são algo novo, mas remontam aos primórdios da informática. E com os avanços da internet, se modernizaram e são cada vez mais complexos, agressivos e nocivos. Leia-se crimes virtuais como crimes de informática em que o computador é usado para praticar a ação (ROQUE, 2007). Vale ressaltar que nem toda invasão objetiva prejuízo do software atacado, mas o poderá ser para fins de identificação e análise de vulnerabilidades que poderão ser corrigidas posteriormente em virtude dos levantamentos que foram feitos.

Os principais atores envolvidos no contexto acima são nomeados como (HOFFMAN, 2013):

* White Hat Hacker (hacker do chapéu branco): possui sólidos conhecimentos em sistemas operacionais e em linguagens de programação. Não tem por finalidade primária o mal, mas a satisfação pessoal em encontrar falhas de segurança.
* Black Hat Hacker (hacker de chapéu preto): é aquele que explora as vulnerabilidades com o propósito de prejudicar os usuários do sistema atacado.
* Gray Hat Hacker (hacker de chapéu cinza): dependendo do contexto e da situação pode atuar em diferentes lados de um ataque. Ou seja, a depender de seu propósito na invasão, poderá ajudar a tratar as falhas encontradas ou delas se valer para prejudicar as vítimas.
* Cracker: é considerado aquele que por exemplo, de modo ilegal, quebra as senhas de acesso de softwares proprietários.
* Phreakers: são os especialistas em agredir sistemas de telefonia. Por exemplo, para instalar ou fazer uso fruto não permitido de escutas.
* Lammer: são os iniciantes e em geral usam o pouco que sabem para exibicionismos.

Importante ponderar que, independente de por onde ou qual o papel assumido numa investida, o cenário é de códigos maliciosos projetados para serem cada vez mais poderosos e eficientes em suas investidas.

No caso dos Ransowares, o relatório da (CISCO, 2018) alerta para o avanço que se deve esperar desse malware é que os usuários devem se precaver para ataques mais sofisticados, como os que poderão usar ações autoprogramadas, sem a necessidade de intervenção humana. Como prova, o relatório traz a informação sobre os prejuízos em escala global causadas pelo WannaCry no ano de 2017.

Estas novas pragas virtuais autoprogramadas procuram se valer das cadeias de fornecimento, usando um software considerado legítimo para se acoplar e através deste adentrar no alvo. Como forma de ilustrar é dito sobre um cavalo de tróia que foi baixado em segundo plano ao se fazer o download do programa CCleaner, que é um software usado para aumentar o desempenho de um sistema operacional.

**2.2 Artigos científicos**

De acordo com Lakatos e Marconi (2011, p. 259) “os artigos científicos são pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica, mas que não se constituem em matéria de livre”. Esses artigos são escritos, geralmente, após a conclusão de uma pesquisa seja ela documental, bibliográfica ou de campo, e encontram espaço para publicação em periódicos ou revistas especializadas como forma de divulgação dos resultados de estudos e também de descobertas ou contribuições científicas. Já, de acordo com Andrade; Abreu; Lima (2013, p. 5), existem várias razões para se publicar um artigo científico, dentre os quais as autoras citam: divulgação científica, aumentar o prestígio do autor, divulgação do trabalho, aumentar o prestígio da instituição ou empresa, e, melhorar o posicionamento no mercado.

Redigir e publicar um artigo científico dará ao autor uma importante experiência profissional, contribuirá para enriquecer o seu currículo e aumentar suas chances de obter uma melhor colocação no mercado de trabalho.

O artigo, quando assume a forma de um TCC, difere do artigo científico, embora os dois sejam usados para divulgação de resultados de pesquisa. A diferença está no nível de complexidade da abordagem do objeto da pesquisa. O referencial teórico e a metodologia utilizada para coleta, tratamento e apresentação dos dados tem caráter mais profundo no artigo científico do que no TCC. (BRAZIELLAS; ANÇÃ, 2010)

**2.3 Tipos de abordagens do artigo científico**

De acordo com Furasté (2012, p. 6), existem dois tipos de artigos científicos, quais sejam:

* artigo de divulgação: relato sucinto informações atualizadas sobre determinado tema de interesse em alguma especialidade. Exige necessariamente uma revisão bibliográfica retrospectiva. Podem ser relatos de casos, comunicação ou notas prévias; e,
* artigo de revisão: resume, analisa e discute trabalhos já publicados, revisões bibliográficas, etc. Esse artigo pode ser: anual ou periódico, se contenha análises de publicações de determinada área ou setor do conhecimento; ou, seletivo, se contenha uma análise crítica a respeito de uma situação ou problema em particular e sua solução.

Dentre os dois, o artigo de divulgação é o mais adequado para os objetivos do TCC, onde a exploração de um tema e uma pesquisa mais abrangente fornecem materiais mais acessíveis aos alunos.

Os alunos deste curso estão livres para escolher o tema, o título e a abordagem de seu artigo. Há uma lista de temas disponível na plataforma para consulta. A restrição é que o tema deve ser relacionado à área de formação do curso. Considerando os tipos de abordagens, o aluno pode escrever seu artigo na forma de um estudo de caso ou de uma análise comparativa, podendo, também, desenvolver uma aplicação prática em software ou aplicar uma metodologia ou conjunto de melhores práticas em seu local de trabalho e escrever o artigo como da categoria original.

1. **Defendendo-se de um ataque Ransoware**

Serão analisadas algumas das técnicas mais eficientes para evitar ou paralisar um ataque em andamento. Ressalvando-se que a atenção maior deve ser a prevenção, pois não há garantias de que encerrar a atividade do software malicioso em um sistema já comprometido, a depender da fase de intervenção, protegerá a totalidade dos arquivos.

**3.1 Estrutura de um ataque Ransoware**

Para que seja devidamente tipificado como um ataque por Ransoware, os itens a seguir, obrigatoriamente, têm que estar presentes: implantação, instalação, comando e controle, destruição e extorsão.

A implantação, por tanto, é a primeira fase, em que os componentes necessários para infectar, criptografar e bloquear o sistema hospedeiro são instalados. Mais comumente, se dá através de:

* Download automático de malware (Download drive-by);
* Campanhas maliciosas de e-mails (Phishing);
* Exploração de vulnerabilidades através da internet.

Após, a instalação propriamente do Ransoware. Nessa etapa, o código malicioso já atuará para tomar o comando e controle do sistema infectado.

Comando e controle é o momento em que um canal de comunicação é aberto para o invasor interagir de forma mais direta e nociva, sendo pré-requisito para a destruição dos dados, abordada a seguir.

Destruição. Nesse momento é que se dá a criptografia e/ou exclusão dos dados do usuário, culminando com o bloqueio do acesso ao sistema vitimado.

Para que, de fato, um ataque seja considerado por Ransoware, a fase de extorsão precisa estar presente, sendo nela a ocasião em que o usuário é avisado de que seu sistema foi sequestrado é que só será restabelecido mediante o pagamento de um resgate, geralmente em frações de bitcoins. É importante frisar que, não há garantia alguma de que feito o pagamento, o prometido será feito e, mesmo que o seja, o usuário poderá continuar vítima do invasor indefinidamente, pois também não há garantias de que serão removidos os softwares basilares que possam favorecer novas intrusões.

**3.2 Protegendo estações de trabalho e servidores**

Sem não houver backups que possam restaurar os arquivos, ou vacinas no mercado para descriptografia, um ataque bem sucedido tende a ser devastador. Por isso, buscar formas de não está vulnerável é primordial, principalmente devido à complexidade cada vez maior dos algoritmos por trás do malware do gênero.

No contexto de um ambiente corporativo, onde possa existir uma rede de computadores, sofrer um ataque é, deveras, de maior magnitude do que o ser apenas em um ambiente doméstico. Mormente porque naquele podem existir anos de informações acumuladas, todo o aparato de gestão empresarial e comercial, etc. Por isso, um maior rigor nas políticas internas de segurança da informação é primordial, a começar pelas estações de trabalho, chegando nos servidores.

Uma das maneiras de prevenção é desabilitar macros do pacote Office da Microsoft, já que uma grande parte das ofensivas notoriamente se dão através delas, pois possuem elementos que interagem diretamente com o sistema operacional.

Outra, seria evitar baixar e/ou abrir documentos de caráter duvidoso como alguns arquivos em formato PDF. Se não houver certeza da origem e procedência, descartar o arquivo é indicado.

Bloquear extensões sabidamente usadas em ofensivas já no gateway do servidor SMTP também é uma boa prática, que evitaria mensagens não validadas de chegarem a caixa de entrada do correio eletrônico dos usuários.

Existem investidas criminosas muito sofisticadas – e a tendência é serem cada vez mais complexas e difíceis de combater, mas mensagens falsas por e-mail, usando engenharia social, ainda é um dos métodos mais antigos, usados e rentáveis aos criminosos. Por isso, não se deve apenas confiar de que os destinatários têm os conhecimentos básicos de cibercrime, de que não abrirão mensagens duvidosas. É preciso o uso e apoio da tecnologia para que as caixas de entrada dos correios eletrônicos sejam automaticamente analisadas e processadas a procura de algo potencialmente nocivo. Existem muitas ferramentas no mercado que fazem isso e, em tópico posterior, se terá a oportunidade de se apresentar uma.

Outra prática que deve ser cuidadosamente deliberada, é o uso de drives compartilhados entre computadores em rede. A disseminação de um Ransoware entre os computadores interligados é certa se houver drives compartilhados e com permissões totais de acesso, de escrita e leitura em pastas e arquivos. A depender da atividade e da quantidade de dispositivos que acessam esses compartilhamentos, a gerência e controle é mais difícil. Por tanto, restringir ou mesmo não usar esse meio de comunicação interna trará mais uma camada de segurança à organização. O mesmo se aplica para acessos remotos.

O uso crescente de HMTL5 por muitas plataformas web deve ser um incentivo para eliminar plug-ins Adobe Flash nos browses, pois o Flash é mais um dos recursos preferidos para orquestrar ações de sequestro de dados, para posterior estelionato dos indefesos.

Limitar os diretórios onde os arquivos possam ser executados é consenso. Proibindo, por exemplo, nos seguintes: \Download, \Temp, %AppData%\. Programas, por ventura, executados automaticamente em quaisquer destes devem receber atenção especial, pois são os caminhos padrão para downloads feitos diretamente pelo browser ou oriundos de outras aplicações.

Impedir execução automática de PEs (Portable Executables, ou executáveis portáteis) através, por exemplo, do uso do software AppLocker (Windows 7 e no Windos Server 2008).

Impedir a desativação e/ou exclusão dos pontos de restauração do sistema com o uso de ferramentas tais como SentinelOne ou Carbon Black. Geralmente, quando da ocorrência de problemas graves de desempenho ou resposta de um sistema operacional, restaurar para um ponto estável normaliza a situação e o mesmo seria válido para recuperação de desastres causados por pragas virtuais, por isso, essa proteção dos pontos de restauração é primordial e os investimentos feitos não serão desperdiçados, por certo.

Bloquear o acesso ao host C&C (command-and-control, ou comando e controle), geralmente usando HTTP, na porta 80. Novamente, ferramentas como Carbon Black, Cylance, FireEye podem ajudar nessa atividade.

Muitos ransowares usam a API Crypto do Windows (crypt32.dll) para criptografar os arquivos, por isso, é recomendado encerrar qualquer processo não confiável que chama a API Crypto um determinado número de vezes, caracterizando uma atitude suspeita. Esse valor iria variar para mais ou menos, conforme as experiências nos ataques.

É interessante também que se tenha um inventário dos hardwares e softwares que estão sendo usados, bem como um acompanhamento se as versões utilizadas contêm algum tipo de vulnerabilidade e se as devidas correções já estão disponíveis à comunidade. Mais uma vez, buscar apoio tecnológico para automatizar e detalhar essas informações é imperioso. Existem muitos softwares com esse propósito. A saber, alguns: Corvil, TripWire, End-point management da Symantec. Em suma, ter o inventário e saber se o ecossistema computacional está atualizado é crítico.

**3.2 Protegendo a força de trabalho**

Alguns Ransowares mais modernos não necessitam mais de interação humana no processo de infecção, como as variantes mais recentes do WannaCry. Porém, muitos ainda dependem dessa ação. Logo, o usuário continua sendo peça chave na barreira para evitar a proliferação desse mal.

E, mediante ao que outra fora exposto sobre manter em dia as atualizações de software, evitar abrir mensagens de procedência e origem duvidosas, não clicar em links suspeitos, entre outros; Manter um cronograma de treinamento e conscientização dos usuários poderá reduzir drasticamente as ocorrências de sucesso dos crimes virtuais. Por exemplo, muitas empresas fazem a SIPAT (Semana Interna de Prevenção a Acidentes de Trabalho) e poderia ser montado um programa tal como SIPATI (Semana Interna de Prevenção a Acidentes em Tecnologia da Informação), onde várias palestras, simulações a atividades poderiam ser elaboradas com este fim: manter os colaboradores informados dos incidentes que estão ocorrendo e como cada um poderá contribuir para manter a empresa protegida.

**3.3 Dados de inteligência contra as ameaças de ataques**

Para estar à frente de possíveis ataques é necessário prever e analisar determinados comportamentos, bem como usar das informações que são compartilhadas por diversos instrumentos de combate aos crimes virtuais. Por exemplo, no contexto das redes de computadores, manter uma lista atualizada dos IPs e URLs mais comumente associados aos canais de comando e controle dos Ransowares é uma boa prática, pois esses dados podem ser usados para montar uma camada de proteção, bloqueando todos e quaisquer acessos oriundos dessa parametrização.

Outra prática muito eficiente é monitorar execução de processos e acessos anômalos de usuários. Ou seja, se um determinado processo estiver sendo usado para copiar muitos arquivos fora de um horário estipulado para rodar uma rotina de backup, ou um determinado usuário de rede está acessando várias URLs duvidosas em curto espaço de tempo, são indicativos de anormalidades e devem ser tratadas rapidamente, já que são indícios de ações maliciosas.

Esses procedimentos são inviáveis de se fazer manualmente se o contexto for um ambiente corporativo, devido a quantidade de dispositivos que poderão estar usufruindo dos recursos de rede no momento. Por tanto, é preciso buscar apoio tecnológico que automatize esses monitoramentos e existem bons softwares que poderão auxiliar nisso, oferecendo camadas de controle para detectar procedimentos indevidos em várias etapas.

Em tópico posterior, se dará a análise de uma ferramenta que tem apresentado bons resultados na identificação e tratamento de comportamentos anômalos de usuários e processos, bem como de outras caraterísticas típicas de pragas virtuais.

**3.4 Agindo rapidamente**

Do tripé apresentado (proteção das estações de trabalho e servidores, proteção da força de trabalho e uso das fontes de inteligência), notório se faz pontuar a sinergia que deverá existir entre ferramentas, processos e pessoas. Ou seja, na ocorrência de um incidente típico, todas as forças precisam ser acionadas e trabalharem colaborativamente para conter a ameaça. Por tanto, controle e integração são conceitos chave que deverão ser constantemente observados. Vale ressaltar o papel sempre alerta e focado que os profissionais de Tecnologia da Informação devem exercer, como administradores e multiplicadores dos conhecimentos básicos em segurança da informação.

**3.5 Ferramenta ESET**

Conforme dito anteriormente, para uma maior eficácia de proteção contra os malwares de modo geral, contar com o apoio de um bom ferramental de softwares é obrigatório, pois os ataques estão cada vez mais sofisticados e a tecnologia de combate precisa acompanhar e, mais idealmente, estar à frente dos avanços criminosos. Ou seja, antecipar as investidas e trabalhar em camadas se, por ventura, os algoritmos de intrusão forem avançando - na tentativa de em cada camada tentar conter e eliminar a invasão. Existem ótimas soluções no mercado e será apresentada uma que, na visão do autor e na experiência no local onde trabalha, vem obtendo excelentes resultados, a saber: ESET.

O programa em questão já começa atuando naquela que hodiernamente é a principal maneira de invadir os computadores: campanhas de envio de e-mails nocivos. As mensagens contendo malwares são automaticamente detectadas e tratadas antes mesmo de chegaram a caixa de entrada das vítimas.

Outro exemplo é a detecção das tentativas de explorar o controle remoto sobre as máquinas, através do qual os hackers assumem o domínio do sistema hospedeiro. O ESET foi projetado para prevenir essas investidas no ambiente de rede. Somado ao esse esforço, ele possui um eficaz bloqueador de exploits, que como visto anteriormente, são necessários para que o processo de instalação de um ransoware, por exemplo, seja concluído com sucesso. Ou seja, o antivírus fica rodando em busca de processos anômalos em seu comportamento, bloqueando a exploração das vulnerabilidades.

Mais um item importante nos recursos de defesa, é o escaneamento avançado de memória que é feito. Essa funcionalidade é importante para descobrir a verdadeira natureza dos processos que estão sendo onerosos em sua execução. Essa análise é vital para identificar os cripto-ransowares antes que a criptografias dos arquivos comece. Além de alimentar a base de dados da aplicação a cada nova modalidade de malware encontrada, contribuindo com os algoritmos de aprendizado de máquina da solução.

Como uma medida a mais de redundância e disponibilidade de informações cada vez mais os serviços em nuvem vêm sendo usados e essa interação também é alvo de ação por parte dos hackers. E o ESET também possui uma camada para blindar e dá segurança nas operações em nuvem. Os principais recursos da ferramenta serão elencados a seguir.

Scanner UEFI (Unified Extensible Firmware Interface, ou Interface de Firmware Extensível Unificada). Responsável por detectar componentes potencialmente maliciosos analisando as instruções que que são enviadas diretamente ao hardware da máquina.

Detecções de DNA. É fato que existem diversas variantes e famílias de códigos maliciosos, porém, como se comportam, segue um padrão e mudá-lo parece não ser trivial. Por isso, os objetos são cuidadosamente filtrados dentro dessa heurística e os enquadrados são bloqueados.

Aprendizado máquina. É a inteligência artificial da ferramenta. Busca um aprendizado profundo e de curto prazo. O principal objetivo é rotular o mais adequadamente as amostras em: limpa, potencialmente indesejada e mal-intencionada.

Proteção da nuvem. Monitoramento de programas maliciosos através das interações com a nuvem da ESET.

Reputação e cache. Verificação em cache usando as listas de permissões, agilizando e maximizando e otimizando o processo de varredura. Essa caraterística também é usada para comunicação da inteligência entre os clientes do software.

Detecção comportamental e bloqueio. É o sistema de prevenção de intrusões, propriamente. Trabalha com parametrização dos comportamentos suspeitos. Todos os programas ou processos que estejam nas regras definidas são inabilitados antes que se tornem prejudiciais de fato.

Sandbox. É um ambiente de simulação para execução de arquivos suspeitos, ou seja, é um local seguro e usado para identificar o real comportamento dos objetos, reduzindo as falhas de detecção.

Scanner de memória avançada. Qualquer atividade que levante suspeita ao usar a memória de um sistema, principalmente se estiverem usando criptografia, são capturadas assim que decodificam a memória.

Bloqueador de exploits. Os exploits são programas usados para explorar as vulnerabilidades. Mais uma vez os comportamentos suspeitos são rigorosamente analisados e as ameaças bloqueadas imediatamente.

Escudo ransoware. Camada de proteção e reputação que analisa qualquer programa ou processo que se assemelha ao modos operandi de um ransoware, bloqueando todas as ameaças imediatamente.

Proteção contra ataques de rede. É um reforço ou extensão de um firewall e foca, mormente, nas vulnerabilidades no nível de rede. Essa modalidade ajuda bastante, principalmente quando patchs de aplicações estão defasados ou até mesmo não existem.

Proteção de botnet. O ESET intercepta e trata as comunicação oriundas de uma rede computadores infectados. Mais uma vez, identifica processos problemáticos e faz os devidos bloqueios.

Como se observa, o software conta com um grupo ferramental que lida com as ameaças virtuais em vários estágios e cada comportamento anormal é detectado e bloqueado, diminuindo ou até mesmo evitando maiores danos aos usuários.

**3.6 Plágio**

Copiar parágrafos literalmente sem usar aspas e sem citar a fonte é falta gravíssima, pois configura plágio. Copiar a estrutura do texto de outro autor, mesmo fazendo paráfrases, mas mantendo a mesma estrutura das ideias também é plágio. TCC com plágio está sujeito à reprovação e pode até mesmo acarretar em responsabilização penal do aluno. Como o plágio ocorre com certa frequência em trabalhos acadêmicos e, muitas vezes, o aluno acaba plagiando um texto por falta de destreza na escrita ou mesmo por desconhecer como se deve realizar uma pesquisa, é apresentado um trecho com plágio e sua reescrita correta que desconfigura esta situação. O texto plagiado é o que se segue.

...............

*O Microsoft Analysis Services inclui os seguintes recursos que o ajudam a desenvolver e comparar facilmente vários modelos preditivos e tomar providências sobre os resultados:*

* *Conjuntos de testes de validação: quando você cria uma estrutura de mineração, você pode dividir os dados na estrutura de mineração em treinamento e conjuntos de teste. Isso permite testar modelos em conjuntos de dados semelhantes e comparar a exatidão de modelos relacionados.*

*....................*

Neste caso, o plágio está muito claro, pois é uma cópia literal do texto original. A suspeita de plágio, por um leitor atento, se dá pela identificação de uma linguagem inadequada para um texto científico, como *você* (não se deve dirigir ao leitor de forma direta, deve-se usar a terceira pessoa), *agora é possível*, *agora você pode*. Além disso, nenhuma fonte foi citada. Uma abordagem correta seria como a que se segue.

................

*Existem vários tipos diferentes de modelos de mineração de dados. No SQL Server 2016, por exemplo, a empresa Microsoft (2016) apresenta diversos recursos para que se possam desenvolver modelos de mineração de dados personalizados e usar os resultados de forma mais eficiente. Ainda de acordo com a Microsoft, o software apresenta as seguintes características:*

*- Conjuntos de testes de validação: ao se criar uma estrutura de mineração, o usuário pode dividir os dados em conjuntos de treinamento e teste, de forma que se possa testar os modelos submetidos a dados semelhantes e se realizar uma comparação.*

*.................*

**3.7 Referências Bibliográficas e citações no texto**

As referências bibliográficas são um conjunto padronizado de elementos que permitem a identificação de um documento, no todo ou em parte, nos diversos tipos de formato (livro, artigo de periódico, CD, DVD, *Blu Ray*, fotografia, mapa, documento *on-line*, *ebooks,* entre outros). No caso do TCC são solicitadas pelo menos 10 referências, com pelo menos 5 livros. Podem ser citados, mas não contam como referências bibliográficas, livros ou fonte que trate da Metodologia da Pesquisa, normas ABNT ou semelhantes. Não podem ser usados trabalhos de TCC de graduação como referências bibliográficas. Solicita-se que o aluno apresente referências atuais, com no máximo 5 anos.

Quando há mais de 3 autores, deve-se usar *et al* como no exemplo a seguir.

CHELIMSKY, David; ASTELS, Dave; DENNIS, Zach; HELLESOY, Aslak; HELMKAMP, Bryan; NORTH, Dan. ***The RSpec Book:*** *Behaviour-Driven Development with RSpec, Cucumber, and Friends*. Dallas: The Pragmatic Bookshelf, 2010.

CHELIMSKY, David; et al. ***The RSpec Book:*** *Behaviour-Driven Development with RSpec, Cucumber, and Friends*. Dallas: *The Pragmatic Bookshelf*, 2010.

Alguns exemplos de diferentes tipos de fontes podem ser vistos na lista que se segue. Outros exemplos também são encontrados nas referências deste artigo. É obrigatório que a lista esteja ordenada por ordem alfabética e os termos em inglês sejam grafados em itálico. Os *links* devem ser mantidos em azul. Observe os exemplos a seguir.

CESTARI FILHO, Felício. **[*E-Book*]** **ITIL** – *Information Technology Infrastructure Library*. 2012. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/50809607/ITIL-v3-Fundamentos>. Acesso em 18 jan. 2017.

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil. **AC-OAB ICP-Brasil** - O Certificado Digital dos Advogados**.** 2017. Disponível em <http://www.oab.org.br/acoab/certificado.htm>. Acesso em 10 jan. 2017.

PARDUCCI, Renato J.; OLIVEIRA, Elisamara.**Gerenciamento de Projetos.** São Paulo, 2017. 93p. Material Didático (Curso de Pós-Graduação  *Lato Sensu* em Especialização em Gestão Estratégica da Tecnologia da Informação) – Universidade Estácio de Sá.

RANGEL, Bruno. **Assinatura Digital no *LibreOffice***. *LibreOffice Magazine* Brasil. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 12-14, maio/2011.

VARGAS, Ricardo. **[*Podcast*] O Novo PMBOK® Guide 5ª Edição**. 2013. Disponível em: <http://www.ricardo-vargas.com/pt/podcasts/the-new-pmbok-guide-5th-edition/>. Acesso em 15 jan. 2017.

As citações devem ser indicadas no texto pelo sistema do tipo autor-ano. Não devem ser usadas notas de rodapé. As citações no texto podem ser diretas ou indiretas. Quando uma publicação é consultada, não se pode, em nenhuma hipótese, utilizar do recurso *recortar e colar* ou se fazer qualquer tipo de cópia literal sem citação, pois isso configura plágio. O aluno deve consultar a fonte, escrever o texto de forma a expor as ideias principais do autor e citar a fonte da maneira mais adequada. Exemplos são mostrados a seguir.

Nas citações indiretas, indica-se a fonte pelo sobrenome do(s) autor(es) ou entidade responsável em maiúsculo, seguidos do ano de publicação do documento, separados por vírgula e entre parênteses, acrescentando-se a página, se possível, conforme o exemplo a seguir.

O *Data Warehouse* (DW) é um tipo especial de banco de dados que proporciona uma sólida e concisa integração dos dados de uma empresa para a realização de análises gerenciais estratégicas de seus principais processos de negócio. (MACHADO, 2012, p.12)

Nas citações diretas, o autor ou autores vêm grafados em minúsculo com o ano e a página da publicação entre parênteses. Pode-se fazer uso de citação literal, também. Neste caso devem-se usar as aspas para a transcrição da afirmação do autor. As citações literais não devem ser muito extensas. Observe o exemplo a seguir.

De acordo com Machado (2012, p. 29), “um *Data Warehouse* (DW) tem duas operações básicas: a carga dos dados (inicial e incremental) e o acesso a estes dados em modo leitura”.

Durante a orientação, tanto para citações diretas ou indiretas, para que o orientador possa verificar a origem da informação ou a interpretação correta do texto citado pelo aluno, todas as fontes devem ser acompanhadas da página, ou páginas correspondentes.

1. **Conclusões**

As conclusões fecham o artigo e são muito importantes. Resumir, apontar e reforçar as ideias principais e as contribuições proporcionadas pelo trabalho faz parte das conclusões. A finalização do artigo pode dizer o que foi aprendido pelo autor através de sua pesquisa, mas mantendo-se a impessoalidade do texto. Não se pode confundir relato de um aprendizado com depoimento pessoal. A conclusão deve ser analítica, interpretativa e deve incluir argumentos explicativos. O texto das conclusões deve ser capaz de fornecer evidências da solução do problema através dos resultados obtidos ou deve ser capaz de enfatizar as vantagens do objeto de estudo para aqueles, pessoas e organizações, que o adotam ou utilizam. Os objetivos listados na Introdução devem ser analisados e confrontados com os achados da pesquisa.

O autor pode comentar a sua pesquisa de forma objetiva e convincente, apresentando os ganhos obtidos com a sua realização. Caso alguma ferramenta ou metodologia tenha sido objeto do estudo, pode-se resumir aqui as vantagens e benefícios que sua adoção pode trazer para as organizações ou pessoas que a utilizam.

É interessante incluir nas conclusões comentários sobre os planos relativos a um trabalho futuro ligado ao mesmo tema, modificações a serem feitas para ampliar o seu escopo ou ainda limitações da metodologia ou da ferramenta estudadas que poderão ou não ser superadas. É importante que o autor não apresente conclusões que o trabalho não evidencie. Isso pode denotar uma fragilidade de argumentação e falta de conhecimento do conteúdo desenvolvido, implicando em questionamentos mais contundentes por parte dos professores da banca. O autor não deve fazer conjecturas com base em suposições ou dados inexistentes. É sempre mais prudente usar como conclusão o que a literatura técnica da área aponta como tendência futura ou prova através de dados concretos. Nenhum tipo de citação direta ou indireta e listas com marcadores ou numeração podem ser utilizadas nesta seção.

**Referências Bibliográficas**

ANDRADE, Inês Barcellos de; ABREU, Annelise Maria de Oliveira Wilken de; LIMA, Maria Cristina Miranda (orgs.). **Manual para elaboração e apresentação de artigo científico.** Campos dos Goytacases/RJ: FMC, 2013

BRAZIELLAS, Maria de Lourdes Motta; ANÇÃ, Nelza Maria Moutinho. **Normas para Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso, Monografia, Dissertação e Tese**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2010. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/67274660/NORMAS-ACADEMICAS-UGF>. Acesso em 18 jan. 2017.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico: explicação das normas ABNT**. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2012.

GEORGIOS, Yiannakas. ***Critical Comparison and Evaluation of the Major MVC Frameworks through the use of a Prototype Web Application*.** 2011. 87p. Dissertação de Mestrado. Edimburgo, Edinburg Napier University, 2011.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina A. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MACHADO, Felipe N. R. **Tecnologia e Projeto de *Data Warehouse***. 5 ed. São Paulo: Érica, 2012.

MICROSOFT. **Tutorial de mineração de dados básico**. 2016. Disponível em <https://technet.microsoft.com/pt-br/library/ms167167.aspx>. Acesso em 18 jan. 2017.

PMI - *Project Management Institute*. **Um guia do Conjunto de Melhores Práticas em gerenciamento de Projetos (Guia PMBOK) 5ª Edição**. Atlanta: PMI *Book Service Center*, 2013.